

Texto de apresentação do projeto " A escola: centro de memória e produção de comunicação/cultura"

Com o patrocínio da FAPESP, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, e o apoio da Escola de Comunicações e Artes da USP e da 16ª Delegacia de Ensino da capital, uma pequena equipe de professores, estudantes e bolsistas desenvolveu entre abril de 1997 e abril de 1999 junto à EE Raul Fonseca, Jardim da Saúde, uma experiência de trabalho voltada para a recuperação da memória cultural do bairro e seu valor como componente do currículo de estudos e como motivação para a criação de novos atos de comunicação no espaço da escola e do bairro.

No momento em que a escola pública e seu entorno tornam-se "casos de polícia" da maior gravidade, projetos de recriação cultural, encontros entre gerações, narrativas sobre os sentidos do bairro para a escola e vice-versa podem ser o melhor modo de superação da quase-tragédia ora vivida. Tanto porque a violência contra a escola também se baseia na sua alienação cultural e comunicacional quanto se evidencia a exigência de uma escola que seja lugar de cultura em si mesmo. A experiência piloto vivenciada em dois anos no Jardim da Saúde deveria estender-se a toda a rede pública, visto que a memória e sua recriação pedagógica são pontos de partida para a valorização da própria vida humana.

Entre centenas de narrativas, exposições, visitas e entrevistas, vimos a recuperação da poética, das receitas, da geografia e da história local, dos hábitos de estudo e trabalho, religiosidade, lazer e afazeres cotidianos desde a primeira etapa de desenvolvimento do Jardim da Saúde, nos anos 40 deste século. Assim, podemos apresentar como produtos disponíveis a uma maior comunicação entre escolas e pessoas ligadas à escola pública paulista um Caderno de Pesquisa (154 páginas) com a contribuição de todos os participantes e os resultados do trabalho, um vídeo de 24 minutos e um CD-ROM, tudo como resultado artesanal de toda a equipe, incluindo voluntários. O objetivo é claro: desejamos devolver à comunidade a memória da experiência, mantê-la viva no bairro estudado e esperar que outros projetos como esse sejam criados e desenvolvidos. Mesmo o nosso terá seqüência na Escola Raul Fonseca, visto que agora começa a compor os planos de estudos e a estrutura curricular e será sempre presente na metodologia das atividades pedagógicas, festas, museus de rua, exposições, entrevistas com populares, relacionamento institucional. Por exemplo, a atitude de associar as propostas curriculares com as narrativas orais dos velhos moradores do bairro já é regular no trabalho de diversos professores e o encontro entre o projeto de memória e cultura com as entidades do bairro que exigem o tombamento de diversos sítios e edificações está presente na vida da escola, bastando dar continuidade. Do mesmo modo, setores da comunidade da Saúde movimentam-se com a finalidade de garantir a restauração e a conservação de obras de valor impagável de Alfredo Volpi e outros artistas, em processo de degeneração no interior da capela Cristo Operária, à Rua Vergueiro. Aliás, a história e o significado desta capela foram destacados pelo projeto e deveriam ser do

conhecimento de toda a comunidade paulistana e paulista pela sua importância social e mesmo política. A capela nasceu como um projeto de auto-gestão de trabalhadores e lugar de encontro de jovens para o desenvolvimento tanto espiritual quanto artístico, passando hoje por dificuldades frente a seus objetivos originais.

Quem trabalha em um projeto como esse vê, essencialmente, quebras do processo comunicacional entre autoridades e povo, pessoas e instituições, pessoas e pessoas. Por isso, segue-se a degeneração de espaços, o esquecimento, a falta de conservação, a diminuição das exigências sociais, o "deixar prá lá". Por vias da nova memória e sua circulação cultural, reatam-se processos comunicacionais e suas conseqüências ao círculo da cultura local.

Enfim, o projeto denominado: " A escola: memória e produção de comunicação/cultura" provou que a escola pública pode ser lugar de produção, circulação e crítica de conhecimento, porque se fez por uma atitude científica e criou diálogo entre professores, alunos e comunidade; mostrou também que a memória comunitária é fundante, ou fundamental, para melhor compreender a adaptação e a inserção de pessoas à metrópole e a criação de raízes para a vida social. Destarte, evidenciou que o conhecimento vivido e avaliado pode realizar-se como gerador de novas experiências, como caminho para a superação da burocracia, do gigantismo da rede, da inserção comunitária e como antídoto à falta de valor para a vida dos bairros e comunidades. Notadamente, faz redescobrir as linguagens da juventude, valor comunicacional básico para nossos projetos sociais, claramente postos em risco na própria violência sofrida pela juventude. Todos os problemas que tivemos, comuns a todos que trabalham com a educação pública não foram capazes de obstaculizar os resultados a que chegamos, os quais apresentamos agora em forma de caderno de pesquisa, vídeo e CD-ROM. Essa apresentação deseja ser um encontro com pessoas, seus desejos e necessidade de continuação deste e doutros projetos capazes de avançar na cidadania do espaço público escolar e todos e todas os/as que o compõem.

Prof. Luiz Roberto Alves, coordenador
444.5003, res.
5061-3237, EE Raul Fonseca - Prof. José F. Ramos
818.4081, Depto. Com. e Artes da ECA-USP

Para introduzir a memória e a cultura no coração da escola pública. Ou de como criar mais comunicação e menos comunicados.

Luiz Roberto Alves

Com o apoio decisivo da FAPESP, ECA-USP e da escola pública paulista, uma pequena equipe de professores, estudantes e técnicos desenvolveu junto à EE Raul Fonseca, Jardim da Saúde, São Paulo a experiência de trabalho e vida denominada: **“A escola, centro de memória e produção de comunicação/cultura”**, de abril de 1997 a março de 1999.

Inscrita no conjunto das dezenas de projetos alocados em diversos pontos do Estado de São Paulo, a experiência do Jardim da Saúde buscou os mesmos objetivos: gerar novos conhecimentos sobre as responsabilidades da escola em seu espaço de atuação, produzir comunicação suficiente para a animação em torno de propostas pedagógicas inovadoras, intervir no currículo escolar a fim de enriquecê-lo e criar novos hábitos e atitudes nos modos de avaliação do trabalho escolar.

Noutras palavras, a proposta consiste na quase-revolução da escola pública, pois o seu gigantismo, a baixa participação comunitária, a formação deficiente de seus quadros profissionais e a descontinuidade pedagógico-administrativa negam a pretensão de transformá-la no rumo dos objetivos propostos. De fato, a proposta alentada pela FAPESP, recebida pelas universidades e em operação com a parceria de estudantes, mestres e administradores escolares pode constituir-se no mais arrojado plano-piloto visando a descoberta da verdadeira vocação da escola laica e popular. Para tanto, as práticas devidamente avaliadas dos projetos devem apontar para a superação dos dilemas bem conhecidos e realizar-se, ato contínuo, como política educativo-

cultural para toda a rede, que a cumprirá segundo sua diversidade, senso de realidade e forças locais/regionais.

Destarte, também nós tivemos de responder, com o nosso trabalho, a três questões básicas, quase esfinges desafiadoras, o que significou a reversão da história da comunidade escolar, que jamais fizera a si mesma tais questionamentos:

1. A escola pública pode constituir-se lugar de produção de conhecimento? Considerar, para tanto, o peso da audácia nas proposições, o reconhecimento das mediações e a produção de novo tecido curricular.
2. A memória comunitária e metropolitana é valor educacional fundante? Por que?
3. O conhecimento vivido e avaliado pode realizar-se como gerador de novas experiências?

Provavelmente (como se diz no auto de natal pernambucano *Morte e Vida Severina*) não pudemos responder a todas as perguntas que fazíamos, mas a vida escolar e sua administração deverão ser inteligentes para aprofundar-se na experiência convvida e dar o salto de que a escola pública carece com urgência. Seria o novo nascimento, ainda acompanhando João Cabral, natalício feito do tecido concreto do quotidiano, das pessoas reais que ensinam e aprendem, da nova leitura da experiência curricular, da abertura para avaliar-se sempre, da capacidade de ouvir o “outro” e a “outra”, embora vizinhos, perigosamente tão distantes mesmo em tempos de globalização.

Não é mais hora de diagnosticarmos com detalhes a situação da escola pública. Estamos certos de que tínhamos o diagnóstico quando começamos o trabalho em 1997, pois combinamos a experiência teórica da pedagogia com os estudos de memória, as experiências de mudança cultural e os avanços da pesquisa em comunicação comunitária. As leituras de Bárbara Freitag, Paulo Freire, Jesús Martín Barbero, Pierre Bourdieu, E.P. Thompson, Milton Santos, Eni Orlandi, Raymond Williams, Rodrigues Brandão, Henri Lefebvre e Lucrécia Ferrara, Ecléa

Bosi e Cremilda Medina, entre outros, deram-nos instrumentos para o encontro concreto com a memória e a cultura do universo metropolitano, cuja metonímia, parte sensível ao todo, foi constituída pelo nosso Jardim da Saúde.¹ Ali, depois de um tempo de observação, levantamento de dados, diálogo comunitário e animação à pesquisa, aprendemos as alternâncias da memória na constituição da pessoa em seu espaço. Por certo a memória cultural não é o lugar das certezas, nem mesmo da verdade objetivamente inferida. É o lugar da criação da pessoa, entre revisitações, julgamentos, inferências e descobertas pela lembrança e pelo discurso. Tal criação constitui também espaços novos, unifica tempos e lugares já fragmentados, interpreta situações e atualiza velhos temas. Ouvir D. Alcina e Senhor Humberto implica correr o risco (para lembrar a Clarice Lispector de *Paixão segundo G.H.*) de ter um novo Jardim da Saúde nas mãos, mesmo como batata quente de fatos desafiadores. Açulada pelas perguntas, a memória das dezenas de entrevistados/as supera a poeira do esquecimento e do olvido, do não-exercício e se refaz culturalmente, desejando outra vez interferir no processo então alienado de si. Imaginemos a riqueza do encontro entre essa sabedoria narrada e os temas e situações propostos pelas ciências humanas, linguagens e artes à escola, por intermédio de seus livros e manuais? Ora, quando o processo memorial se faz comunicação, acumula valores novos à constituição da cultura do bairro. Se é verdade que essa memória talvez não impeça o advento de novas enchentes, a construção de viadutos descaracterizadores da identidade espaço-temporal, e

¹ FREITAG, Bárbara – A produção da ignorância na escola. São Paulo, Cortez, 1984.

FREIRE, Paulo – Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

MARTIN BARBERO, Jesús – Dos meios às mediações. Rio de Janeiro, UFRJ, 1998.

BOURDIEU, Pierre – O Poder Simbólico. Lisboa, Difel, 1989.

THOMPSON, Paul – A voz do passado. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992

SANTOS, Milton – Metrópole corporativa fragmentada. O caso de São Paulo. São Paulo, Nobel, Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

ORLANDI, Eni – Interpretação. Rio de Janeiro, Vozes, 1996.

WILLIAMS, Raymond – Cultura. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues – A cultura na rua. Campinas, Papius, 1989.

LEFEBVRE, Henri – Introdução à Modernidade. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1969.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio – Olhar periférico. São Paulo, Edusp, 1993.

BOSI, Ecléa – Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos. São Paulo, T. A. Queiroz, Edusp, 1987.

MEDINA, Cremilda (org.) São Paulo de Perfil, vários volumes. São Paulo, ECA-USP.

muito menos traga de volta o sentido de segurança social e familiar de antanho, sem dúvida a sua comunicabilidade articulará uma massa crítica comunitária para que o bairro se prepare diante de ações tempestivas dos poderes público e privado. Assim, o aprendizado teórico-prático da memória e da cultura encarnados na constituição histórica do Jardim da Saúde aproximou o grupo de pesquisadores-animadores da sociedade de bairro que luta pelo tombamento de sítios e obras, fez redescobrir as obras sacras de Alfredo Volpi, levou-o à audiência pública sobre a situação urbana, exigiu a criação de um museu de rua a mostrar situações opositivas sobre a qualidade de vida, operacionalizou novas formas de comunicação entre estudantes e famílias e introduziu idosos e idosas, jovens curiosos, representantes da sociedade civil organizada e líderes da religiosidade popular ao universo escolar, sugerindo a sua contínua interlocução. Uma lição perene das leituras, já com interpretação especial para a prática do nosso tema-projeto, foi de que os currículos escolares devem fazer-se “aulas vivas” para absorver as “culturas da rua”, a “memória reencontrada”, “os sentidos da periferização metropolitana”, os “modos de interpretação do real”, a “cultura como mediadora na produção pedagógica” e “o simbólico como organizador de novos espaços sociais”. Assim sugeria, e assim deu-se o encontro entre os autores lidos e a pesquisa vivida. Portanto, o primeiro grande valor deste projeto é que professores da escola pública e estudantes de graduação vivenciam o laço teórico-prático ao vivo, dentro da própria ação, o que se concretiza pelos seminários bimensais, que permitem o exercício da memória sobre o lido e o visto, atualizando conceitos, fazendo inferência para o exercício da prática e valorizando sobremaneira o educador e a educadora, agora não mais seccionados das fontes de informação estimuladoras do seu trabalho em sala de aula e nos trabalhos externos de investigação com seus alunos. Os textos apresentados no *Caderno de Pesquisa* publicado ao final do projeto revelam o esforço em fazer ciência enquanto se faz animação cultural da escola. Pesquisar dentro da realidade escolar, ainda que precária.

Nestes dois anos, portanto, acumulamos valores para responder à questão de a escola pública poder ser lugar de produção de conhecimento e, portanto, espaço recriador de comunicação, capaz de superar a incomunicabilidade, tão comum a ela como parte de rede gigantesca e submissa. Vimos que a saída de grupos de educadores e educandos para entrevistas com homens e mulheres do bairro se transformava em ato audacioso, porque exigia criar e não reler o lido pelos autores de livros e manuais sobre a história da cidade. A audácia é, precisamente, o movimento em direção ao não-conhecido, movimento de comunicação social, visto que pais, mães e avós são contrapartes estranhas ao projeto escolar, capazes de marcar presença em festas e reuniões, responder a questionários ocasionais, assinar boletins e comunicados, mas jamais intercambiar informações por mais de 10 minutos, cara a cara com educandos e educadores. Por isso, o discurso memorial das longas entrevistas, algumas delas compondo o vídeo e os anexos que acompanham este trabalho final de pesquisa, interpôs tempos, lugares e valores ao conhecimento da comunidade escolar: modos de vida imediatamente posteriores à segunda guerra mundial, relações de comunicação entre os bairros da Saúde, Ipiranga, Centro, Vila Mariana e Santos, ação do poder público na recharacterização de espaços, secularização das relações sociais, formas de afetividade da juventude, fauna e flora na constituição do ambiente ecológico e mesmo a sua ruína; enfim, modos de apreensão dos sentidos da própria escola na vida do bairro. Na seqüência dos textos escritos pela equipe podem ser vistos e analisados os diversos lances da audácia desses movimentos em direção ao “outro” e à “outra, face solidária embora estranha da constituição da comunidade escolar. Prova disso foram os momentos em que fizemos exposições das “mídias” possíveis de compilação no universo do bairro: as fotos da história escolar (infelizmente poucas) combinam-se às fotos de populares, que datam do início da “civilização” da Saúde, nos anos 40 e às narrativas e descrições inferidas em entrevistas, associadas aos documentos oficiais encontrados no IBGE, nas administrações regionais vizinhas e em mãos de particulares; destarte, quando o foco do vídeo e a acumulação de informações no CD-ROM, mais os textos

produzidos por membros da equipe para os jornais do bairro e a recepção de objetos informadores de memória familiar produzem uma totalidade e o bairro se nos apresenta como um jogo vivo de forças sociais na história metropolitana, torna-se evidente o sentido do passo audacioso da escola como produtora de conhecimento e, mais que nunca, quais são as mediações indispensáveis à relação entre atores sociais e conhecimento concreto do real. Efetivamente, toda a informação cultural dispersa entre as gentes e instituições do bairro é mediadora do ato de conhecimento e ela não se apresentará, plena, sem a predisposição audaciosa dos que querem conhecer. Nos bairros da metrópole (e mais agudamente quanto mais periféricos) a memória e a cultura constituem-se uma rede abandonada, uma teia de aranha deixada para trás quando do advento da modernidade. No caso do Jardim da Saúde, as transformações urbanas dos anos 60 e 70, com o recorte viário agressivo na rota São Paulo-Litoral, a expansão das classes médias diante da conurbação de bairros tradicionais (Vila Mariana, Aclimação, Ipiranga etc) enfim a vitória da face citadina e metropolitana do desenvolvimentismo.

Quando a nossa equipe de trabalho elaborava, com professores e alunos, trabalhos para pensar a memória cultural no vídeo, na Internet, no Museu de Rua e na xilogravura abriam-se as comportas das oportunidades de conhecimento e inserção, pois o bairro aparecia como mais que acidente de paisagem, e sim um lugar histórico, passível e mesmo a exigir o ato de conhecimento. Ora, o Jardim da Saúde constituiu-se na barricada das classes médias diante da invasão dos migrantes e por obra da planificação interesseira operada por empresas como a *City* e a *Light*, dentro do modelo de privatização do planejamento urbano de São Paulo. Também por isso Milton SANTOS denomina São Paulo como metrópole *corporativa* e *fragmentada*, op.cit. Vê-se, pois, que tem faltado à escola pública tanto a audácia quanto o reconhecimento de mediações, dentre as quais a memória popular é um fundamento. Quanto ao significado das mediações do conhecimento, a premissa básica para reconhecê-las e utilizá-las é de natureza *arqueológica*: cabe reconhecer as camadas de cultura que se amontoam nos corações e mentes da

gente moradora do bairro, cujo chamamento para depor e analisar é o outro nome para a cidadania, ou para a criação da comunicabilidade. O morador se faz cidadão pela interferência nos negócios da *polis*. Uma delas é o encontro de saberes, outra o contato entre gerações e, sobretudo, a informação sobre as experiências.

Não por acaso o fenômeno também se dá dentro da própria escola. Um dos momentos capitais da EE Raul Fonseca em 1998 (que contava com o ceticismo de muitos professores na etapa de elaboração) foi a Semana de Cultura e Comunicação, na qual, entre outras ações, tivemos o desenvolvimento de rádios comunitárias. Ao final, os alunos fizeram abaixo-assinado para a introdução da rádio como trabalho cotidiano. Alguém observou que nenhum intervalo de aula nos últimos anos foi tão atencioso, animado e limpo quanto nos dias de inserção da rádio comunitária. O diálogo intercultural dos estudantes mediou a relação entre a condição de sujeito de aprendizado e o conhecimento decorrente, cujo aperitivo revelou o sabor da nova cultura vinda de um veículo dinâmico, liberador, humorístico e anti-poluidor do ambiente. A rádio se revelava ampliadora de diálogos e expansão de memórias amontoadas nas relações exclusivamente pessoais ou inibidas na situação de aprendizagem em sala de aula. Diversas reflexões do Caderno de Pesquisa, cit., mostram a abundância de possibilidades curriculares nascidas da audácia de dialogar e da absorção de valores culturais mediadores do conhecimento. Aliás, a dirigente regional da Secretaria da Educação no Jardim da Saúde afirmou várias vezes que o projeto se revelava uma “aula viva”; daí que o currículo escolar, que jamais deveria ser uma lista de matérias e sim a dinâmica de decisões sobre ensino e aprendizagem em ciências, artes e linguagens, fica enriquecido em suas mediações culturais quando reconhecemos os valores culturais ainda não codificados pelos autores aprovados pelo Ministério da Educação ou que tocam na cultura comunitária somente de passagem.

Se consideramos que as pessoas e instituições locais e regionais são arquivos e bibliotecas vivos, com a variante agregadora de terem opinião pessoal sobre os fatos vistos e vividos, nada mais valioso para o currículo de estudos

escolares do que ver-se e sentir-se dentro de uma dinâmica cultural que desafia a inteligência dos educandos e educandas, que promove atos científicos de auscultar, mensurar, ordenar, analisar e interpretar. Enfim, um currículo escolar que seja de fato coerente com todos os textos distribuídos pelas autoridades para leitura dos educadores da escola pública brasileira a cada início de ano letivo, há muito tempo: **que se eduque a pessoa para a liberdade, para os direitos e deveres, para a competência.** A escola jamais será cultural enquanto não observar a atitude de ousadia e não reconhecer as mediações culturais da sua ação educativa. Descobrimos isso concretamente e vimos, nas revistas publicadas, na animação dos estudantes no entrevistar, na revelação do seu espírito crítico perante a mídia, na apreciação das mudanças ocorridas no bairro o quanto se pode fazer com a escola capaz de assumir-se produtora de conhecimento.

Daí a resposta positiva à questão de ser a memória comunitária e metropolitana um valor educacional importante. A pesquisa coordenada por Lucrécia FERRARA (op.cit) na periferia da zona leste de São Paulo havia revelado o mundo que o homem periférico capta em suas lentes fotográficas ou camadas de memória, bem como nos discursos que visam articular as instâncias: a escola é detalhe burocrático do bairro periférico e a religiosidade pentecostal faz muito a mais a cabeça em termos de acumulação cultural. Á página 123 da obra citada lemos: “... as crenças religiosas ou a educação funcionam como elementos de reforço mágico e atuam como uma espécie de assepsia ambiental, criando uma realidade cultural de fantasia capaz de superar as contingências reais, ainda que momentaneamente. Mais do que “ópio do povo”, antes a consciência de um cotidiano desumano, o caráter institucional e instrucional da educação é reforçado pela prática religiosa, que manipula ensinando paciência e submissão, para admitir como natural o que deveria revoltar. Não se omite a consciência da realidade ambiental, mas é mascarada pelo carisma institucional da escola nas suas promoções festivas ou nas mecanizações instrumentais, enquanto a atuação das seitas religiosas preenche as tardes de domingo confundindo-se com lazer ou inércia, talvez planejada.” A propósito vem-nos a associação entre religiosidade

popular e escola, trabalhada de modo a revoltar sempre educadores como Paulo Freire. A escola, possível centro cultural, expulsa a memória cultural popular (começando pelo assassinato da memória das crianças e sua produção de textos e desenhos), a qual se homizia na individualidade marginalizada ou brota, dolorosa, na salvacionismo de certos cultos. No mínimo, a memória cultural não é democratizada por quem deveria fazê-lo, os espaços da cultura e da educação. Assim sendo, Massimo CANEVACCI ² encontra a promiscuidade na própria criação simbólica do homem periférico, que se homizia no cubículo repleto de fotografias eróticas. Se não assim, poderia buscar a salvação no espaço do sagrado e do exorcismo. A salvação não viria pela democratização da cultura, pensando em salvação nos termos de Walter Benjamin.

Não é verdade que o Jardim da Saúde está longe da condição periférica analisada por FERRARA e outros que, por sua vez, contradizem autores brasileiros e latino-americanos dos anos 70 e 80 que louvavam as culturas populares periféricas e sua capacidade construtora de autonomia e resistência. Autonomia e resistência são, hoje, conquistas mais complexas e exigentes, que requerem a compreensão adequada das mediações políticas, econômicas e culturais. A realidade é que a periferização atinge os próprios alunos, obrigados a um esforço de adequação de tempo e recursos financeiros entre escola, trabalho e grupo de amizade. Daí que escolas do Ipiranga, Vila Mariana e Jardim da Saúde trabalham com adolescentes e crianças efetivamente empobrecidas, cujas manifestações de *rap*, cujos poemas e conversas informais revelam a crescente marginalização da associatividade, o ensimesmamento social, a reclusão a espaços de ação e mesmo salvação fora da cultura e da educação. O assédio da ociosidade, do tráfico de drogas, da introdução à vida sexual mal preparada e conduzida sinalizam que a periferização dos anos 90 (entre o fulgor dos *shopping centers* e a viela escura da marginalidade) penetrou o coração da escola popular e pública. O curso noturno da EE Raul Fonseca (e de outras escolas) tem evasão de 25% de seus alunos, anualmente, chegando a dezenas os adolescentes que se apresentam à

² *A cidade polifônica*. São Paulo, Studio Nobel, 1993.

escola somente até a entrega da carteira de passes escolares. Vão para as ruas um mês depois de matriculados. Ora, somente um movimento cultural fortemente contrário a esses desvios da modernidade urbana e desvios da finalidade da escola revelaria o ato ousado, conhecedor das mediações culturais indispensáveis: a rede de encontros comunitários e a penetração de seus resultados no universo curricular da escola, tudo como matéria viva e liberadora das novas reclusões e segregações. Como se sabe, as novas formas de reclusão e marginalidade são, hoje, mais perigosas: a gravidez precoce partilhada na ignorância, a transmissão de doenças por vezes fatais, a morte pelo caminho dos entorpecentes. São facetas da anti-cultura e dos novos lances de ignorância e miséria educacional a desafiar os discursos de modernidade. Por isso, a memória comunitária é fundante, fundamental, porque pouco presente quando mais dela necessitamos. Nossas experiências com a área de saúde e qualidade de vida no bairro, também relatadas nesta obra coletiva, mostram discursos que ficam entre a ingenuidade e a crítica, faces pré-ecológicas em meio a outras fortemente engajadas, quase completo descaso para com a saúde oposto a um alto grau de conhecimento e cuidado, tudo no mesmo espaço social e às vezes entre jovens de idades similares. Ora, aí se revelam vazios da ação escolar, familiar e comunitária, no mínimo discursos muito limitados em seu alcance e matérias escolares de pouco interesse para a vida concreta da adolescência e da juventude. A presença da memória e da cultura junto às áreas de ciências da saúde e da natureza revela-se indispensável, pois retira o discurso magistral e por vezes empolado da literatura científica oficial e restabelece o diálogo entre pessoas comuns, lugar melhor para a verdadeira expansão do saber científico. Os textos dos diversos alunos, produzidos a partir de debates com médicos que destacaram as doenças sexualmente transmitidas e que constaram da revista *Memória e Cultura*, número 2, 1998, não deixam lugar a dúvidas: os jovens exigem comunicação e não comunicados; precisam de informação veiculada e aberta e não toleram mais tanto a morte sorrateira quanto a meia-voz dos segredos e da sabedoria inibida.

Afirmar que o conhecimento vivido pode vir a ser fonte de novas experiências implica crer na escola pública paulista. Antes de mais nada, afirmamos que as nossas operações de resgate, devolução, estudo e ordenação da memória cultural do Jardim da Saúde foram trabalhadas passo a passo, semana a semana, mês a mês. E não o fizemos somente no interior da equipe. Projetamos o trabalho para a totalidade da vida escolar, pois o *projeto memória*, como é chamado pelos alunos e professores, deixou de ser segmento escolar para ser uma preocupação de muitos professores. Não fosse a absurda troca de mestres e mestras, a cada ano, a despeito dos esforços administrativos em contrário, hoje teríamos novas ações culturais e novos encontros com a comunidade do entorno escolar plenamente garantidos como parte do cotidiano curricular, visto que um crescente número de colegas do magistério participou das atividades propostas, indo das oficinas de xilogravura à crítica da mídia, da experiência em saúde comunitária aos exercícios via Internet, das festas comunitárias ao acompanhamento de entrevistas.

Reconhecemos que a proposta original era coesa, embora um pouco estranha à escola. O seu foco era o de recuperar a memória histórica enquanto se punha em contato gente que tinha a ver com a escola e, assim, estimular a uma nova dinâmica cultural, resultando também na nova prática pedagógica, o mais possível compartilhada. Assim, buscou-se insistentemente a transferência, quer por meio de debates e mini-cursos junto à Delegacia Regional de Ensino, quer por artigos quinzenais no jornal de bairro *Ipiranga News*, quer ainda pelo diálogo contínuo com colegas de outras delegacias e participantes de congressos de educação e comunicação. A publicação de alguns resultados do projeto no boletim da Fapesp e no jornal *O Estado de São Paulo* ensejaram pedidos de informação e desenvolvimento de comunicação à distância, como, por exemplo, junto a um projeto similar da universidade em Rio Claro, S.P.

Não nos desviamos do projeto original. Conseguimos revelar um novo cenário para pensar o Jardim da Saúde. Quem acompanha o Museu de Rua e o Vídeo produzido pela equipe do projeto (melhor explicados nos textos do Caderno de Pesquisa) encontra-se com um volume de informações original,

amadurecido, tematicamente organizado e pronto a estimular novos estudos e pesquisas. Reescrevemos a história do bairro sem o oficialismo dos memorialistas, que via de regra seleciona a informação favor do senso-comum. Aqui descobrimos e apresentamos uma matéria variável, desafiadora, inclusiva, pois incluídos, variáveis e desafiadores foram os homens e mulheres, jovens e crianças que se dispuseram a narrar, trazer material, escrever.

Destarte, o projeto cumpriu, com o devido respeito às dificuldades, o seu intento. Seus frutos são reveladores: enquanto continua a girar o Museu de Rua pelas diversas instituições educacionais, religiosas, culturas e associativas do bairro, o vídeo, o CD-ROM e o Caderno de Pesquisa se disponibilizam. Todos esses produtos seriam impossíveis sem uma colaboração irrestrita da comunidade interna e externa à escola. Suas imagens, palavras e gestos remetem ao acompanhamento de dois anos de trabalho coerentes com a escola pública plenamente real e o bairro em mutação sócio-econômica, donde se projeta tanto alguma precariedade quanto a enorme potencialidade para a crítica de seus modos e conteúdos de trabalho e vida; mais importante, o potencial volta-se – e nosso trabalho o revela – para uma ação educativo-cultural em que escola e comunidade, educandos e educadores, funcionários e familiares se encontrem no espaço e no tempo comum de quem se descobre sujeito da história.

Os orientais já nos diziam: “A memória é o pilar da redenção; o esquecimento é o princípio da morte”.

Que a contribuição deste projeto encontre a escola pública paulista aberta ao novo, atenta, *memorizante*, cultural... A equipe do *projeto memória*, constituída de pessoas vocacionadas ao trabalho educativo, com dedicação que vai de alguns meses a vinte e cinco anos de trabalho, não poderia ter um desejo melhor!

